

# Arrumando a Casa: Novos arranjos familiares e o trabalho doméstico

**Resumo:** O Trabalho Doméstico remunerado e não-remunerado no Brasil possui sua peculiaridade marcada pelos indicadores sociais quanto a gênero, cor e classe social. Com as novas configurações familiares, novos papéis sociais são assumidos sobre os afazeres domésticos. Este artigo é fruto das discussões feitas durante a pesquisa de campo com empregadas e patroas realizada em 2012, na cidade de Marília, interior de São Paulo. Com base nos dados levantados, bibliografia consultada e objetivos propostos, concentramos o texto em um dos aspectos do tema abordado, as mudanças na estrutura familiar e seu impacto sobre a divisão sexual do trabalho doméstico. A discussão aponta para novos papéis assumidos de gênero, o que, entretanto, entra em conflito com as tarefas compartilhadas dentro do ambiente doméstico. Propomos algumas conclusões acerca dos motivos desses conflitos a partir da história do trabalho doméstico.

**Abstract:** The Housework paid and unpaid in Brazil has its peculiarity marked by social indicators as gender, color and class. With the new family configurations, new social roles are assumed on domestic affairs. This article aims to conceptually discuss the impacts of these changes on domestic responsibilities and the need for third parties on this service in the home. This article is the result of the discussions made during the field research with maids and mistresses held in 2012, in the city of Marília, in the interior of São Paulo. Based on the data collected, bibliography consulted and objectives proposed, we focused the text on one of the aspects of the topic addressed, changes in family structure and its impact on the sexual division of domestic work. The discussion points to new gender roles, which, however, conflicts with shared tasks within the domestic environment, we propose some conclusions about the reasons for these conflicts from the history of domestic work.

## Introdução

Este artigo é parte dos resultados da pesquisa de iniciação científica intitulada "A empregada doméstica na cidade de Marília (SP): entre o 'afazer' doméstico e o dever do patrão" realizada durante o ano de 2012 na cidade de Marília (SP)<sup>1</sup>, em três bairros de perfis econômicos distintos, com apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

A metodologia aplicada foi baseada na "Antropologia Interpretativa" de Clifford Geertz (2012), com o intuito de compreender dados culturais sobre o trabalho doméstico na cidade; portanto, frequentamos cada bairro durante 2 meses e observamos dados que pudessem registrar um cotidiano relacionado à profissão em questão. A Perspectiva de Geertz permite considerar os dados microscópicos das relações sociais considerados como "teias de significados" (2012, p. 4) sobre as relações sociais, marcada por elementos simbólicos da cultura. As categorias nativas para definir o cotidiano do trabalho, assim como a *necessidade* apresentada por quem contrata este tipo de serviço segundo seu ponto de vista, foram pontos importantes para definir o objeto de pesquisa.

Em conjunto com a proposta etnográfica, aplicamos também o método quantitativo – como a abordagem dos moradores por meio de um questionário estruturado retratando dados do serviço doméstico prestado na casa – assim como o complemento do método qualitativo – resumido em entrevistas não estruturadas.

Ao todo foram pesquisadas 20 residências por bairro, e selecionados 2 entrevistadas por cada segmento, sendo a maioria realizada com empregadas, e apenas uma com patroa, pois o difícil acesso às residências e a maneira proposta na pesquisa de abordagem direta às casas sem um contato prévio limitou o número de participantes.

Em resumo, a pesquisa teve como proposta inicial levantar dados sobre o trabalho doméstico e sua hipotética relação com o passado escravista. Aqui apresentamos um dos desdobramentos das discussões feitas depois de obtidos os resultados em campo, ou seja, propomos um novo debate dentro de antigas hipóteses apresentadas ao longo da pesquisa inicial sobre o trabalho doméstico e o tema *família*.

*Família* como uma área de estudos dentro das ciências humanas foi de suma importância para perceber como a divisão do trabalho doméstico passa por seu crivo, sua organização tende a resultar em divisões que respeitam ou não a atividade compartilhada dentro de casa, debate que apresentaremos neste artigo.

Em conjunto ao tema *família*, a História do Trabalho Doméstico no Brasil também revela traços sobre essa relação enquanto atividade exercida prioritariamente por mulheres negras durante o período colonial, e após, já no início do século XX (TELLES, 2011).

O fato sobre o Trabalho Doméstico nas Casas Grandes ter sido exercido ao longo do período escravista por negros vindos de diferentes regiões da África durante o processo de colonização portuguesa

**Carla Julião da Silva**  
Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.

**Contato:**  
carla\_juliaoasilva@hotmail.com

**Willians Alexandre Bueso da Silva**  
Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.

**Contato:**  
wabsilva@gmail.com

**Palavras-chaves:**  
Trabalho doméstico, Família, Gênero, Cor, Classe.

**Keywords:**  
Housework, Family, Genre, Color, Social class.

<sup>1</sup> Marília foi fundada em 929 em conjunto com a Estrada de Ferro Paulista, que escava a produção cafeeira para o Porto de Santos. Situada no Oeste Paulista, a 450 quilômetros da capital paulista, a cidade de porte médio possui hoje aproximadamente 233.639 mil habitantes (IBGE, 2016).

fez com que o sistema econômico vigente construísse uma vala de desigualdades sobre a concepção e deturpação do conceito de *trabalho*, em especial sobre o *braçal* (VIOTTI, 1997, p. 336), e consequências drásticas após o fim da escravidão, assunto ainda tratado nos dias de hoje.

Deixamos claro que nosso intuito não foi o de reconhecer se havia na prática uma descendência direta entre trabalhadores domésticos na cidade e ex-escravizados para tratar sobre a relação entre presente e passado, muito menos situamos no exótico a definição de antigas relações sobre os dias de hoje. Neste ponto, é preciso salientar que passado e presente são relacionais, entretanto, um determinismo histórico comprometeria a relação entre ambos.

O fato importante é que Marília (SP) foi fundada dentro do período republicano há aproximadamente 40 anos após o fim legal da escravidão, no entanto, se o serviço doméstico possui reminiscências do passado escravista como afirmamos hipoteticamente, a "cultura" enquanto dinâmica (DURHAM, 2004) tem papel fundamental na propagação e articulação das relações raciais.

Outro ponto importante sobre a relação entre campo, pesquisa e o período do fim da escravidão no final do século XIX, é sobre o fato de Marília (SP) ter recebido um dos últimos ciclos do café em direção à chamada "boca do sertão" (MESSIAS, 2003). Assim como outras regiões que receberam mão de obra itinerante nas frentes de café, a cidade recebeu não só imigrantes no processo de transição para o trabalho em empreitadas familiares, como, também, a população livre migrante de regiões em decadência econômica de acordo com a chegada do café (MOTTA, 2009).

Queremos salientar com esses aspectos que não houve uma relação direta do campo com o período citado ao longo da pesquisa, mas alertar para o fato de que a formação da frente de mão de obra, assim como a população local, foi permeada por diferentes sujeitos em processo de deslocamento em busca de oportunidades de trabalho.

Se o sistema econômico escravista teve como forte aliada a violência coercitiva sobre a rotina de escravizados e em conjunto a repressão sobre hábitos e valores culturais da população imigrante, a categoria em análise aqui não se caracteriza por esses atributos, mas a cor ainda é muito significativa sobre as associações com o período, assim como a baixa renda daqueles que procuram este trabalho como fonte de sobrevivência.

Assim como o Trabalho Doméstico vem recebendo cada vez mais atenção sobre sua legislação e formalização de sua condição enquanto profissão, outros itens demonstram que as discussões de gênero presenciaram modificações nos espaços e papéis sobre o mundo do trabalho e, conseqüentemente, esferas antes dominadas por homens passaram a per-

ceber uma presença maior da mulher no mercado de trabalho, assim como novas configurações sobre os papéis familiares assumidos dentro das responsabilidades divididas entre os demais membros da família.

A hipótese sobre a pertinência do passado escravista continua a ser norteadora para esta pesquisa, pois dados estatísticos ainda são relevantes para tal argumento. Como mostram os dados do IBGE<sup>2</sup>, de um total de 6,6 milhões de pessoas atuantes na área de serviços domésticos, 92,6% são mulheres, sendo 61% desse total representado por mulheres negras, fato que reforça a divisão racial de trabalhos relacionados ao gênero feminino. A profissão (DIEESE, 2012) também se encontra como uma das ocupações de menor rendimento comparado às áreas de maior ocupação feminina, como o setor de serviço e de comércio.

Diante do presente, vimos a necessidade de perceber as transições ocorridas na profissão, principalmente aquelas referentes à organização familiar, que interferem ou não na divisão sexual do trabalho no âmbito privado.

Dessa maneira, o texto visa a discutir, como as mudanças familiares podem ser significativas sobre a categoria profissional, a partir da bibliografia levantada sobre *Trabalho Doméstico* remunerado e não-remunerado (KOFES, 1982, 2001; BRUSCHINI, 2006), *Trabalho Feminino* (HIRATA & KERGOAT, 2007) e estudos sobre *Família* (SALEM, 1987; BILAC, 2003; SARTI, 2003).

Pretendemos aqui indagar se as novas mudanças microestruturais sobre os rearranjos familiares tendem a dar conta de um problema maior e crônico sobre o valor e centralidade desse trabalho realizado em sua maioria por mulheres, que são os baixos salários, a informalidade e pessoalidade nos contratos, e qual o retorno recebido sobre seu cotidiano de dedicação a famílias de terceiros.

### A historicidade da profissão

No Brasil, o tema sobre o Trabalho Doméstico já possui mais de 30 anos de discussão na academia (SAFFIOTI, 1978). O trabalho feminino foi a porta de entrada sobre questões de gênero no país, e em especial, sobre as condições femininas, relacionando a mulher a diversos espaços públicos ocupados por ela (SAFFIOTI, 1969, BLAY, 1978), e o tema continua a ser pesquisado por diversos caminhos.

Uma das associações que se faz sobre o Trabalho Doméstico no Brasil é sobre suas heranças com relação ao período escravagista, o argumento muitas vezes encontrado no senso comum discrimina a profissão reforçando preconceitos de cor, em contrapartida também tem sido argumento para criticar a realidade da categoria que ecoa em dados estatísticos.

Além dos dados, fontes históricas também retratam como a profissão foi fundamental para a manutenção de famílias abastadas durante os ciclos econô-

2 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referente à Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, realizado entre 2004-2011

micos na zona rural, e na vida urbana das emergentes metrópoles como Rio de Janeiro (GRAHAM, 1992) e São Paulo (LEITE, 1984; TELLES, 2011).

A profissão exercida até fins do século XIX por uma maioria de escravizados entre homens e majoritariamente mulheres possuía 'afazeres' relacionados à situação precária das instalações sanitárias dos domicílios e à preservação de mantimentos para a alimentação. Atividades como compras diárias, limpezas de fossas e higiene em geral de casas eram feitas por escravizados domésticos (GRAHAM, 1992, p. 55). No entanto, a implantação de saneamento básico e o oferecimento de serviços públicos de recolhimentos de detritos pelo poder público não extinguiram a mão de obra de muitos libertos após a Lei Áurea de 1888 e em 1889, após proclamação da República.

A ocupação da profissão estava além de atividades necessárias, e quando apontada na intimidade do espaço familiar, mesmo que de forma caricaturada (FREYRE, 2006), reflete a influência da população escravizada sobre os costumes e responsabilidades sobre a família brasileira até então. Nesse ponto, o argumento sobre o peso da História do Brasil quanto a essa profissão é evidente, mas não cabe aqui uma linha cronológica de suas continuidades, e sim perceber seu passado como pano de fundo para discutir em conjunto com outros aspectos e indicadores sociais que também dialogam com a profissão, como evidente, a presença massiva de mulheres atuantes na área.

Apesar de simbólico para os estudos sobre família no Brasil, o modelo patriarcal vinculado à obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala* (2006), não foi o único a vigorar no mesmo período. A historiografia brasileira sobre o período escravista (CORRÊA, 1982, TEIXEIRA, 2004) alerta sobre a existência concomitante à Casa Grande e ao sistema patriarcal, casas chefiadas por mulheres e outras formas de organização familiar que não estivesse apenas relacionado com a imagem canônica do senhor como autoridade familiar.

Em conjunto com esta situação, é possível reconhecer que se nem todos os domicílios respeitavam este modelo único de interpretação do passado, nem todo trabalho doméstico foi realizado por escravizados, assim como nem todo trabalho dito feminino era trabalho escravizado, mas ressaltar que ambos estiveram ao longo da história representados de maneira singular.

Aqui não procuramos estabelecer origens sobre as discussões do tema *família*, essa abordagem é um campo dentro das ciências humanas e muito abrangente para ser citada apenas como paralelo às nossas questões levantadas, mas é preciso ter como ponto de partida que a profissão discutida aqui tem como papel fundamental a manutenção da própria vida humana.

Como cita Marina Maluf em "*Ruídos da Memória*"

(1995, p. 86-87), o trabalho doméstico de acordo com nossa colonização portuguesa e patriarcal sempre destinou às mulheres responsabilidades consideradas como naturais ao seu instinto feminino, e quanto mais atende às necessidades da casa, mais invisível parece ser considerado o trabalho doméstico. A divisão entre esfera produtiva e reprodutiva dentro do capitalismo também é apontado pela autora como contribuinte para a atribuição de valores desiguais entre papéis femininos e masculinos.

O argumento centrado nas heranças escravagistas sobre a categoria demandou reconhecer no presente quais as condições desse trabalho. Muitas mudanças de cunho jurídico ocorreram ao longo do século XX, assim como a organização em sindicatos e associações representativas que procuram profissionalizar cada vez mais a categoria.

Uma das principais conquistas na atualidade foi a Emenda Constitucional<sup>3</sup> 72<sup>3</sup>/2013 (BRASIL, 2013), que trouxe à categoria os direitos e benefícios antes ignorados na Consolidação das Leis Trabalhistas de 1943. Uma de nossas interlocutoras, a patroa com quem conseguimos entrar em contato, constatou as diferenças entre antes e depois da lei:

*Q: É! Até o trabalho noturno, agora tudo isso é contado, é remunerado. Naquele tempo não, de noite punha a janta, depois já lavava a louça da janta... Era o dia todo! Era como uma pessoa da família também...Porque está lá dentro o tempo todo, né...<sup>4</sup>*

Apesar da lei não controlar de maneira integral todos os registros de empregadas domésticas que ocorrem hoje no Brasil, o limite entre tempo de trabalho e tempo de descanso é um indicativo sobre as dimensões do envolvimento pessoal entre empregadas e empregadores.

A lei beneficia o Trabalho Doméstico remunerado, ou seja, aquele feito por trabalhadoras(es) em casa de terceiros, mas não discute sobre aquele que é feito diariamente por uma maioria de mulheres, o que tem sido discutido sobre sua definição quanto a trabalho "não-remunerado", ao invés de "inatividade econômica" (BRUSCHINI, 2006). Apesar de a lei beneficiar o trabalho oferecido como serviço, a distância entre o Trabalho Doméstico remunerado e o não-remunerado parece se debruçar sobre questões não esclarecidas quanto à divisão discriminada por sexo do trabalho doméstico.

Se durante nossa pesquisa de campo havia a afirmação de que o problema todo sobre o cotidiano da profissão estaria sobre sua historicidade, a questão se mostrou mais ampla quando percebida na relação entre mulheres.

O que nos parecia uma situação de classes distintas dentro de um mesmo ambiente, também serviu para perceber construções de identidade de gênero

<sup>3</sup> À época de sua tramitação, a mudança na lei também era conhecida por "PEC das Domésticas", Proposta de Emenda Constitucional referente às "domésticas", no gênero feminino, de acordo com o expressivo contingente de mulheres atuantes na profissão.

<sup>4</sup> As abreviações dos nomes dos entrevistados foram mantidos para conservar a integridade dos participantes da pesquisa.



Maíra Lima

distintas sobre condições femininas (KOFES, 1982; 2001) assim como amadurecer a ideia de que quem oferece o serviço doméstico a uma família alheia à sua muitas vezes necessita deixar seus filhos com vizinhos ou sob o cuidado de parentes como estratégia de sobrevivência de sua própria família.

Suely Kofes, em sua tese de doutorado *"Mulher, Mulheres: a relação entre patroas e empregadas domésticas"* (2001) trabalhou com diferenças e desigualdades na rotina do Trabalho Doméstico, as quais cor e classe social reforçassem distâncias entre identidades de gênero divididas por mulheres.

Entre ser patroa e ser empregada, as representações femininas se esbarram, por ser um trabalho associado a mulheres, saber fazer também quer dizer poder mandar, assim como itens de vaidade e autorrepresentações femininas são conflituosas neste espaço. Sendo assim, mesmo compartilhando de um mesmo grupo de gênero, mulheres de classes e cores diferentes desfrutam de formas desiguais sobre sua condição feminina e construção de identidade.

A autora também ressalta o problema da escravidão que, apesar de ser um período já superado, algumas questões ainda se encontram em aberto quanto

a categoria, pois a centralidade da figura da empregada doméstica como organizadora do ambiente domiciliar é recorrente, e ressalta que as práticas cotidianas dentro deste trabalho têm um peso decisivo para reforçar esses laços de vínculo familiar, fazer parte da casa, mas não pertencer à família. Aqui as reminiscências da escravidão nos parece manifestar-se a partir das sofisticadas das práticas cotidianas que centralizam o papel da manutenção doméstica na empregada. Uma de nossas entrevistadas explicita bem essa situação:

*V: a empregada só escuta né...Se ela for inteligente [a empregada] – porque tem que ser – você tem que lembrar que você não faz parte da família, você tá ali pra prestar um serviço pra família, por mais que crie vínculo, você tem sempre que se por no seu lugar, de empregada.*

Mesmo encontrando novas questões referentes ao Trabalho Doméstico que não se resumem apenas ao passado escravista, como a divisão das esferas pública e privada, e a divisão sexual do trabalho (HIRATA & KERGOAT, 2007), os problemas ainda assim se cruzam, pois gênero e classes sociais são estruturantes

de nosso objeto, e não menos importante ou superior aos outros indicadores sociais, a cor representa um dos traços peculiares brasileiros sobre essa divisão.

### As novas configurações familiares

As mudanças ocorridas não só no Trabalho Doméstico como também nos novos arranjos familiares e o reconhecimento de novas formas de vida conjugal para além do modelo nuclear (pai, mãe e filhos) nos fez refletir sobre os papéis assumidos nessas novas relações e que muitas vezes, estão associados à ocupação das tarefas domésticas feitos pelos membros de uma casa.

Segundo Bilac (2003), as mudanças na organização familiar têm afetado em especial as condições construídas historicamente de mulheres, e conseqüentemente tendem a ocasionar reflexões sobre os papéis masculinos. A autora destaca que os estudos de gênero têm beneficiado em grande escala pesquisas que focam o *trabalho* como objeto principal de pesquisa sobre a mulher, mas deixam em segundo plano o peso que os papéis familiares têm, enquanto dados culturais e antropológicos, sobre mudanças significativas e que afetam o mundo do trabalho.

Em seu artigo "*Família e individualidade: um problema moderno*", Cynthia Sarti (2003) afirma que os papéis antes reconhecidos dentro de uma organização familiar não estão mais preestabelecidos de forma tão clara e rígida, principalmente sobre a atuação do gênero masculino relacionada a pais e filhos, novas dinâmicas são evidentes. Portanto, deveres, funções e exercício de autoridade não podem ser mais encarados segundo a mesma ótica do chefe familiar, pois a manutenção desta ordem tem sido questionada por movimentos sociais (feministas, LGBT, entre outros) que procuram desconstruir papéis predeterminados em uniões conjugais e relações familiares as quais estiveram até então moldadas por valores patriarcais.

Isto indica que lavar, coser, passar, cozinhar, limpar, entre tantas outras atividades consideradas como afazeres domésticos e que possuem como finalidade única a manutenção da casa têm sido encaradas como um papel fundamental e necessário para a sobrevivência de qualquer família, mas que não deve recair sobre a figura feminina, em qualquer instância que seja. A autora ainda salienta que, apesar de verificar as novas organizações familiares,

*"Revela-se assim, o fato de que vivemos num tempo que nunca foi tão repleto de alternativas e, ao mesmo tempo, tão normativo, simultaneamente emancipador e constrangedor"* (SARTI, 2003, p. 44).

Apenas evidenciar novas mudanças não daria conta de perceber que em alguns casos, essas mudanças tendem a beneficiar apenas a vida familiar individual, entretanto não exige o trabalho de terceiros para a

manutenção desta mesma organização familiar recente.

Em texto sobre a temática de novas organizações familiares pautada em relações horizontais, Tânia Salem já havia discutido na década de 1980 sobre o tema "casal igualitário" (1989). Salem propôs uma pesquisa de campo com conjugues de classe média e faixa etária significativa (união entre jovens e, de meia idade) que procuravam estabelecer novas configurações sobre a vida de casal.

O aspecto principal desta nova configuração estaria em uma interiorização de preceitos que transcendem as imposições sociais sobre as expectativas dos conjugues, vistas como uma coerção externa. Para quebrar com relações arcaicas e benignas da vida a dois, o casal 'grávido' – como cita a autora - exige um esforço psicológico de compreender qual o papel de cada um na vida do outro. Por esse motivo, a pesquisa tem definições sobre subjetividade e sujeito pautadas na própria Psicologia. Entre as preocupações levantadas para a proposta horizontalidade estaria o diálogo aberto sobre a vida afetiva, a monogamia, a fidelidade e a infidelidade confessada, os aspectos subjetivos e sentimentais do homem até então não expressos, a educação dos filhos, e por último, os afazeres domésticos.

É interessante ressaltar que, apesar de o termo "casal igualitário" representar um ideal de igualdade em todos os planos na relação conjugal, o tema sobre os afazeres domésticos aparece em segundo plano. Evidentemente não por descuido da autora, mas como resultado dos dados pesquisados, pois as relações horizontais sobre a manutenção da casa ficaram como responsabilidade de empregadas domésticas nos domicílios visitados (SALEM, 1989, p. 5).

Não obstante retratar décadas atrás, a autora revela uma realidade que expõe dados sobre a situação no presente. Em certos aspectos, o Trabalho Doméstico remunerado aparece como um termômetro das dinâmicas familiares, como vem ocorrendo a discussão sobre papéis entre homens e mulheres.

Quando novos arranjos familiares ocorrem, sejam eles entre casais heterossexuais ou homo afetivos, ou qualquer outra configuração que não mais respeite o modelo patriarcal e reconduza os afazeres domésticos para terceiros, ocorre um problema maior mesmo não sendo esta uma organização que não recaia mais na mulher, 'dona de casa', a manutenção do domicílio.

O problema tem sido abordado como o ato de *delegação* (HIRATA e KERGOAT, 2007), um conceito recorrente nos estudos sobre Trabalho Feminino, que define sobre o ato de casais em vias de enfrentar o dilema entre vida profissional e vida familiar responsabilizar o Trabalho Doméstico a terceiros sem levar em consideração a discussão de antemão sobre a divisão das tarefas no domicílio. Esse conceito é auxiliar ao entendimento sobre os novos papéis que a mulher

tem assumido não só no Brasil, como em outros países, e consequentemente tem deixado o Trabalho Doméstico impossibilitado de ser entendido para além da questão enquanto profissão.

A *delegação* possui como pano de fundo as diferenças de gênero pautadas em questões políticas sobre a divisão entre as esferas pública e privada. Mais do que um problema relacionado às mulheres, esta situação se amplia quando percebemos qual o perfil de trabalhadoras que assumem esse papel, caracterizado pelos dados apontados aqui por mulheres de baixa renda (DIEESE, 2012) e mais de 50% da atuação de mulheres negras (IBGE, 2011).

O conceito de *necessidade* designado por Hannah Arendt, em "A Condição Humana" (2010), quando discute sobre o *labor*, esboça o contexto político desta divisão na cultura ocidental. No texto a autora afirma a hipótese de que a discriminação de populações como *servis* sempre esteve pautada em argumentos políticos e não características biológicas, ou seja, são afirmadas de tempos em tempos conforme a definição de *necessidade* sobre este tipo de servo no dia a dia de senhores.

No caso apresentado, Hannah Arendt (2010) deixa evidente que a maior *necessidade* encontrada por senhores para com seus escravizados domésticos sempre foi a de se libertar do trabalho rotineiro de manutenção e reprodução da própria vida humana, só assim os senhores se veem livres para produzir:

*"[...] todas as eras anteriores à era moderna, ao identificarem a condição do trabalhador com a escravidão, tinham em mente precisamente esses criados domésticos, esses habitantes do lar, oiketai ou familiares, que trabalhavam em vista da mera subsistência e eram necessários para o consumo isento de esforço, e não para a produção. O que eles deixaram atrás de si em troca do que consumiam foi nada mais nada menos que a liberdade, ou, na linguagem moderna, a produtividade potencial de seus senhores" (ARENDRT, 2010, p. 107).*

As duas concepções, *delegação* e *necessidade*, retratam valores de épocas distintas, mas chega perto de nos oferecer a conclusão de que cuidar da reprodução humana tem sido papel secundário em sociedades pautadas por estratos sociais. Em grande medida, a formação da sociedade brasileira tendo em sua origem o trabalho escravizado tem peso fundamental para entender a origem histórica de algumas atividades, apesar de não concluir sobre sua realidade no presente.

O caso não se limita ao Brasil, mas quando houve a proposta de estudar o Trabalho Doméstico dentro de nossa sociedade, encontramos a bibliografia sobre o tema fora de nosso país. A comparação exige seus cuidados e medidas, pois pretendemos aqui utilizar o exemplo a seguir como recurso para falar sobre a

peculiaridade brasileira, e não discutir amplamente o Trabalho Doméstico em diferentes contextos sociais, econômicos e culturais.

A tese sobre imigração de Soraya Fleischer, "Passando a América a Limpo: o trabalho de *housecleaners* brasileiras em Boston, Massachusetts" (2002), discursa sobre mulheres que procuram melhores condições financeiras como *housecleaners* em Boston.

A autora busca no processo de imigração de brasileiras relações de identidade com o trabalho e a nacionalidade. A partir da oportunidade de trabalhar fora, mulheres reconhecem seu lugar de origem assim como definem melhor o que é ser *brasileiro* quando em contato com uma cultura diversa, assim como o contato com outros imigrantes.

Como apresentado no texto, o Trabalho Doméstico em Boston (assim outros como jardineiro, chofer<sup>5</sup>, entregador de jornais, entre outros) é uma oportunidade de trabalho para imigrantes que buscam melhoras em sua condição de vida. A oportunidade é ocupada por diversas nacionalidades além de brasileiros, mas a tendência é que todos sejam tratados como "hispanicos" (FLEISCHER, 2002, p. 248-249), ou seja, os que possuem o espanhol como língua materna.

Por esse motivo, muitas brasileiras procuram afirmar sua identidade por meio da língua materna, assim como reforçar a perspectiva de que enquanto trabalham no exterior como *housecleaner*, estão nessa ocupação temporariamente, pois deixaram condições razoáveis de vida no Brasil para aceitarem essa oportunidade de trabalho. Isso inclui o *status* ao qual pertenciam, em alguns casos até pessoas com formação superior atuavam em trabalhos como esse (FLEISCHER, 2002, p. 244), e que por este motivo não se incluem na maioria de imigrantes vindos de outros países.

A noção de limpeza – definido segundo as entrevistadas pelas autoras – também é ostentada como forma de identificar melhor brasileiras de outras nacionalidades. O capricho com os cuidados para a higiene doméstica seria característica intrínseca de imigrantes que saem do nosso país e que, em alguns casos, deixaram empregadas domésticas que atuavam em suas casas para trás.

A experiência de entrar neste serviço como fonte de renda fez com que muitas imigrantes brasileiras repensassem a forma como tratavam suas empregadas no Brasil, pois mesmo em Boston, ser tratado mal não implica em questões culturais como muitas vezes são justificadas as relações entre empregados e empregadores em comparação ao Brasil, mas sim, como um alerta para a rede de contatos sobre a qualidade da oportunidade de trabalho oferecida (FLEISCHER, 2002, p. 256). Ao mesmo, não podemos desconsiderar que esta pode ser uma questão relativa, pois o tratamento igualitário muitas vezes não interfere na

5 As profissões como "Jardineiro" e "Chofer" são interpretadas segundo a Organização Internacional do Trabalho como "Empregados Domésticos": [http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/grpe\\_caderno\\_3\\_261.pdf](http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/gender/pub/grpe_caderno_3_261.pdf).

quantidade de trabalho, no esforço e cansaço sentido no final do trabalho.

Caracterizando o Trabalho Doméstico no exterior a partir da pesquisa de campo, a autora demonstra como o vínculo empregatício em comparação ao Brasil é distinto, pois o *housecleaning* trata de um *business*, ou seja, um agenciamento de trabalho; por esse motivo, enquanto no Brasil os empregadores são chamados de *patrões*, as entrevistadas afirmam como *clientes*.

A partir desse aspecto, podemos também inferir sobre quais valores estão envolvidos empregadas e empregadores dentro do Trabalho Doméstico no Brasil, sem recorrer à associação direta sobre o ser-



Rafaella Melisse

vilismo a que o termo *patrão* poderia ocorrer. Estar imersa no meio familiar e ao mesmo tempo não pertencer à família – como retrata a fala de uma das entrevistadas – diz respeito à obrigação de se adequar às normas, horários e gostos dos donos da casa, um pouco diferente do que seria representado pela figura do *cliente*.

Ao longo de nossa pesquisa de campo, percebemos como o vínculo entre as partes pode ser o mais definidor das relações construídas diariamente em trabalho. Trabalhar em casa de família significa atear-se aos moldes da casa. Esse vínculo pode ser marcado ou não por desafetos, mas o que evidenciamos é que o descontentamento com *patrões* é proporcional à oportunidade e risco de procura por outras casas para trabalhar, por parte de empregadas.

A situação de *delegação* foi encontrada em diversas casas pesquisadas, em muitas experiências empregadas viram os filhos da família crescer devido ao

longo tempo de serviço na casa. A profissão também foi vista como antiga em um domicílio onde moravam três gerações de mulheres que atuavam como empregada doméstica ou trabalho próximo a este.

O Trabalho Doméstico não remunerado, aquele feito em casa e que procura dar conta de toda manutenção necessária para se manter uma família, demonstra-nos ser a base desta discussão que atinge sua oferta enquanto trabalho remunerado. Ou seja, não há como passar pelo tema sem discutir esse sustentáculo da sociedade que recai sobre a mulher. Mesmo na casa de empregadas, as relações de poder podem ser reproduzidas entre os membros familiares, como cita uma de nossas entrevistadas:

*K: Até dentro da nossa casa! Pra você ver, meu marido – ela [filha] vai lá só pra discutir com o pai – é pedreiro, mas gosta de mexer em casa... mas eu acabo de limpar, ele vai mexer e eu aviso "Eu acabei de limpar!" e ele "Ué? E eu não posso mais mexer na minha própria casa?".*

Algumas reproduções ocorrem no cotidiano; portanto, dividir a situação remunerada e não-remunerada pode tornar essencial apenas um dos aspectos do Trabalho Doméstico, o que, no entanto, está relacionado a diferentes problemas, principalmente sobre formas de poder e construções históricas e sociais.

### Considerações finais

Hoje os dados mostram que o número de diaristas tem aumentado em contraposição ao de empregadas domésticas com carteira de trabalho assinada<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo em que há uma maior profissionalização da categoria, há um conjunto de aumento da situação precária de contratos efêmeros de diaristas.

Esse assunto, apesar de bastante tempo acompanhado em pesquisas na academia, em campo ainda evidencia ser um "tabu". Falar sobre a empregada que trabalha em seu domicílio ou a própria empregada relatar sobre seu cotidiano em uma casa de família foram problemas para nossa pesquisa. Sobre isto, a diferença entre *patrões* e *clientes* levantados por Fleischer (2002) é fundamental. O respeito para com quem emprega assim como o sigilo sobre a intimidade da casa é crucial.

Hoje podemos afirmar que há alternativas para o emprego ou não de terceiros para a manutenção do lar, os questionamentos sobre a divisão sexual do trabalho tem colocado em questão a emancipação da mulher à custa da manutenção do problema ainda maior vinculado a desigualdades sociais e a corroboração com as condições de mulheres pobres. A responsabilidade que pais e filhos, assim como demais entes familiares tendem a assumir representa uma dessas mudanças. O problema tende a se agravar no período de cuidado de filhos recém nascidos, onde o trabalho é redobrado, e algumas questões sobre o

<sup>6</sup> O índice de diaristas tem subido em 10% em comparação a empregadas domésticas com carteira assinada em grandes regiões como São Paulo e Rio de Janeiro (DIEESE, 2012)

papel da paternidade estão sendo cada vez mais dobradas.

A legitimidade de novas organizações familiares, como casais de mesmo sexo e a adoção de filhos, representa uma quebra significativa no modelo familiar nuclear. A condição feminina ou valores associados necessariamente muda nesse contexto, o que nos deixa a dúvida sobre como ocorre a divisão do trabalho doméstico.

A outra questão a ser respondida é sobre os choques de valores a serem ocasionados sobre o Trabalho Doméstico perante as novas organizações familiares. Durante o texto procuramos deixar claro quais aspectos desse problema precisam ser considerados quando diagnosticamos mudanças no ambiente familiar e doméstico, mas qual seria o nível atingido com essas mudanças quando tratamos sobre os afazeres dentro de uma casa.

Como cita Joan Scott (1995), em seu texto clássico "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", mesmo com a educação de filhos voltada para a divisão do trabalho doméstico em um ambiente que os pais compartilham as tarefas (1995, p. 81), crianças aprendem valores sobre as relações de poder, a estrutura

patriarcal e hierarquias de gênero. Isso significa crer que a necessidade de entendimento sobre a divisão sexual do trabalho, seja sobre o ambiente doméstico ou fora dele, percebermos os usos que a sociedade faz sobre gênero. Com relação ao nosso objeto de pesquisa, o recorte histórico do fim das relações escravistas, sua conseqüente propagação com as relações raciais em conjunto com a estrutura de classes demonstra de que maneira a sociedade brasileira faz seus usos das relações de gênero tendo como exemplo essa profissão e ao mesmo tempo atividade não-remunerada, situada na encruzilhada do tempo presente e passado.

Portanto, podemos considerar que as novas responsabilidades e papéis familiares podem modificar essa realidade, mas hoje discutir sobre a divisão do trabalho doméstico requer um posicionamento político diante de um problema que perdura durante bom tempo em nossa história e exige a atenção para uma educação que leve em consideração a emancipação do sujeito para a sua manutenção, ao contrário do que se vive quando a dependência dos filhos é ampliada graças à presença de empregadas domésticas ao longo de todo o crescimento até a fase adulta.

### Referências Bibliográficas

- ARENDRT, Hannah (2010), *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- BILAC, Elisabete Dória. (2003), "Família: algumas inquietações" In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, p. 29-38.
- BLAY, Eva Alterman. (1978), *Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista*. São Paulo: Ática.
- BRASIL, Constituição. (1988), Emenda Constitucional nº 72, de 2 de Abril de 2013. Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. In: Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm)> Acesso em: 19/05/2017
- BRUSCHINI, Cristina. (2006), "Trabalho Doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?" *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo, v.23, n.2, p. 331-353, jul/dez.
- CORRÊA, Mariza. (1982), "Repensando a Família Patriarcal Brasileira (notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil)." In: ARANTES, Antonio [et al.] *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, p.13-38.
- DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. (2012), "O Emprego Doméstico nos anos 2000". In: *A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000*. São Paulo: DIEESE.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. (2004), "A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna". In: *A Dinâmica da Cultura: Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- FLEISCHER, Soraya Resende. (2002), *Passando a América a Limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo: Annablume.
- FREYRE, Gilberto. (2006), *Casa-Grande & Senzala*. 51ª ed. São Paulo: Editora Global.
- GEERTZ, Clifford. (2012), *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. (1992), *Proteção e Obediência: Criadas e seus Patrões no Rio de Janeiro 1860 – 1910*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. (2007), "Novas Configurações da divisão sexual do trabalho". *Cadernos de Pesquisa*, Tradução de Fátima Murad, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez.
- KOFES, Suely. (1982), "Entre nós mulheres, elas as Patroas e elas as Empregadas." In: ARANTES, Antonio [et al.] *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense. p.183-192.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Mulher, Mulheres: a relação entre patroas e empregadas domésticas. A identidade nas armadilhas da diferença e da desigualdade*. Campinas: Editora da Unicamp.
- LEITE, Maria Odila. (1984), *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- MALUF, Marina. (1995), *Ruídos da Memória*. São Paulo: Editora Siciliano.
- MESSIAS, Rosane Carvalho. (2003), "Da escravidão ao trabalho livre". In: *O cultivo do café nas bocas do sertão paulista: Mercado interno e mão de obra no período de transição – 1830 – 1888*. São Paulo: Editora Unesp.

- MOTTA, José Flávio. (2009), *Derradeiras Transações. O comércio de escravos nos anos de 1880* (Areias, Piracicaba e Casa Branca, Província de São Paulo). In: Almanack Braziliense. São Paulo, nº10, p. 147-163, nov.
- VIOTTI, Emília. da Costa. (1997), *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Fundação Editora Unesp.
- SAFFIOTI, Heleieth. (1969), *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes.
- \_\_\_\_\_, Heleieth. (1978), *O Emprego Doméstico e Capitalismo*. Petropólis: Vozes.
- SALEM, Tânia. (1989), "O Casal Iguatário: princípios e impasses". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 9, vol. 3. São Paulo: ANPOCS/Cortez, p. 1-15.
- SARTI, Cynthia. (2003), "Família e individualidade: um problema moderno". In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, p. 39-50.
- SCOTT, Joan. (1995), "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, Faculdade de Educação/UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul./dez.
- TEIXEIRA, Paulo Eduardo. (2004), *O outro lado da Família Brasileira. (1765-1850)*. Campinas: Ed. Da Unicamp.
- TELLES, Lorena da Silva. (2011), *Libertas Entre Sobrados - Mulheres Negras E Trabalho Domestico Em São Paulo (1880-1920)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/813/tde-10082012-170442/>> Acesso em: 18/06/16.

### Sites

- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2011. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/default.shtm/>> Acesso em 18/02/16.
- \_\_\_\_\_, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades, 2015. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=352900/>> Acesso em 19/05/17.

Recebido em: 23 de julho de 2016.

Aprovado em: 24 de abril de 2017.